

JORNALISMO ALÉM DA FÓRMULA:  
a supervalorização do referencial estrangeiro e o  
desprezo às experiências brasileiras

Jorge Kanehide Ijuim

Universidade Federal de Santa Catarina



2014

## Índice

1 Herança funcional-positivista	2
2 Apreciações apressadas	4
3 Desprezo aos brasileiros	6
Considerações finais	7
Referências	7

### Resumo

O presente trabalho visa contribuir para a reflexão em torno de um fazer jornalístico que supera o noticiário demarcado por manuais de redação. As narrativas alternativas aos modelos consagrados têm recebido denominações como jornalismo literário ou jornalismo narrativo e, por vezes, são justificados por referencial estrangeiro. Sem descartar a importância de tais referências, pretendo aqui destacar o equivocado desprezo às experiências brasileiras e, para tanto, proponho a discussão das contribuições de Raul Pompéia e de João do Rio para a construção desse jornalismo além da fórmula.

**Palavras-chave:** Fundamentos do jornalismo, Narrativas jornalísticas, Gêneros jornalísticos, História do jornalismo.

## 1 Herança funcional-positivista

**A**s grandes transformações sociais, inicialmente na Europa, a partir da Revolução Industrial e por decorrência da Modernidade, foram marcadas pelas intensas concentrações urbanas e pelas mudanças nas relações de produção e de trabalho, bem como

<sup>0</sup>Texto originalmente publicado no livro *Gêneros jornalísticos: teoria e práxis*, Edifurb, 2012.

<sup>0</sup>Doutor em Ciências da Comunicação/Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: ijuim@cce.ufsc.br.

nos meios de produção e comercialização de bens culturais, entre outros aspectos. Com a elevação dos níveis de alfabetizados e o crescimento econômico, as novas sociedades industriais – de produção e de consumo – desenvolveram uma indústria cultural e, por consequência, a comunicação de massa.

Fruto desse contexto, a imprensa deixa de ser atividade artesanal e de impacto restrito na população, para converter-se em empreendimento industrial e de ampliado alcance de audiência. Dessa forma, incorpora às suas ações os mesmos moldes de fabricação – com equipamentos que lhe dão velocidade e permitem maiores tiragens, com métodos e processos mais eficazes – e, acima de tudo, assimila o pensamento predominante da época, que impõe racionalidade e eficiência ao fazer jornalístico.

Esse pensamento vigente se traduz nas redações na forma de padronizações de procedimentos para a constituição de modelos até hoje praticados. Como salienta Cremilda Medina (1995, p. 177-178),

o Jornalismo, inscrito na trajetória nitidamente assinalada pela Modernidade, foi construindo sua linguagem segundo os postulados da racionalidade que vem desaguar, como outras formas de codificação do real, em fórmulas gramaticais do século XIX.

Os princípios funcionais-positivistas impulsionaram, naquele momento, tanto as práticas científicas quanto a prática comunicacional, que, ao mesmo tempo, se disciplinaram metodologicamente. Para a mesma autora,

no século XIX se propõem gramáticas, presentes na pesquisa do

conhecimento científico quanto na de captação e na narrativa da contemporaneidade e se difundem nos meios de comunicação social (Medina, 2008, p. 18).

A racionalidade cartesiana e o positivismo de Comte foram determinantes para o estabelecimento de modelos jornalísticos que podem ser comparados a fórmulas matemáticas. Por um lado, os estudos sobre o universal-particular de Descartes, que o levaram à criação do seu método dedutivo, disciplinou o homem ocidental a crer na possibilidade de que tudo pode ser fragmentado – classificável – para ser tratado isoladamente – em profundidade?. Se isso é possível, pode-se também haver a separação entre *sujeito* e *objeto*. Por outro aspecto, o estado positivo, de Comte, é um regime definitivo da razão, em que a observação é a única base possível do conhecimento acessível à verdade, adaptado sensatamente às necessidades reais. Ou seja:

a eficácia científica de qualquer modo, seja a abstração racional, seja o laboratório experimental, depende da relação direta ou indireta com os fenômenos observados. A investigação científica só é positiva se o pesquisador opera com o que é (Medina, 2008, p. 19).

Disso decorre uma série de códigos socioculturais adotados pelos órgãos de imprensa e por seus trabalhadores – editores, jornalistas. Princípios legítimos como o de liberdade de imprensa – direito à informação –, como o de compromisso com a verdade, informação e não propaganda, exatidão, jorna-

lismo como serviço público, advêm dos esforços pela modernização da imprensa (e da sociedade). Outros, no entanto, esbarram em mal entendidos que hoje encontram várias objeções. Do compromisso com a verdade, por exemplo, há a interpretação simplista na crença de que a imprensa publica a verdade. Do distanciamento entre sujeito e objeto, decorre o preceito da objetividade, pelo qual o sujeito-jornalista-observador deve eximir-se de qualquer laço subjetivo no trato com o objeto – coisa? – observado (como se a relação do jornalista fosse com objetos, quando a rigor se depara com fenômenos sociais).

Ao discorrer sobre as teorias do jornalismo, Nelson Traquina (2005a, p. 146-149) explicita um momento de expansão da imprensa e a criação das agências de notícias. Uma vez que um ‘centro gerador’ de notícias tinha a responsabilidade de distribuir grande quantidade de informação para destinos diversificados e distantes, essas agências optaram pela produção de notícias pretensamente isentas e objetivas – sem qualquer resquício de opinião ou traço pessoal. Com seu mote “as notícias são como são porque a realidade assim as determina”, a chamada “teoria do espelho” configurou um modelo em que se acreditava obter no relato jornalístico o “espelho da realidade”. Esta teoria nos evidencia a aplicação de princípios que, por um lado, era conveniente e prática, no sentido econômico, mas que por outro incorria na visão reducionista da crença de que é possível “retratar a realidade” como ela é (positiva). Experiências como esta foram disseminadas e prevaleceram no ocidente por muito tempo, incorporadas às rotinas das redações.

Como ressalta Traquina (2005b, p. 31-60), os jornalistas desenvolveram uma “cultura profissional”, uma vez que conqui-

taram uma competência específica. Por isso, têm uma maneira de ver e de expressar o mundo, guiados por esta cultura de uma “tribo” – uma comunidade interpretativa transnacional. Em seus estudos, que envolveram análises pelos pontos de vista econômico e ideológico, Traquina nos lembra da natural possibilidade de homogeneização do pensar e do agir dos integrantes dessa tribo.

Justamente essa cultura – que disciplinou rotinas e estabeleceu gramáticas próprias – criou fórmulas para o agir e o pensar dos jornalistas. Tais rotinas e fórmulas estão geralmente consubstanciadas em manuais de redação, os quais, assumidos de maneira acrítica, acarretam numa coleção de objeções feitas à imprensa atualmente: jornais parecidos; repetição de pautas em vários periódicos, por vezes com a mesma abordagem; falta de profundidade; banalização do ser humano, entre tantas outras.

Um jornalismo além dos cânones desta cultura profissional tem sido uma de minhas principais preocupações como pesquisador. Compartilho com muitos outros a busca de caminhos alternativos a um jornalismo além das fórmulas, como mencionei. Tenho encontrado, em tantos trabalhos, várias denominações nesse sentido, como narrativas jornalísticas, jornalismo narrativo, jornalismo literário. Nessa busca, no entanto, tenho observado algumas “meias-verdades”, que pretendo discutir no decorrer deste texto.

## 2 Apreciações apressadas

A pesquisadora Monica Martinez expôs, em 2008, no 31º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – também chamado Intercom, por ser promovido pela Sociedade

Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que carrega a mesma sigla –, de trabalho intitulado *Jornalismo Literário: um gênero em expansão*, no qual fez levantamento quantitativo dos artigos sobre o tema apresentados nos próprios encontros da Intercom. A autora constatou que, entre 2001 e 2006, foram submetidos 27 trabalhos com esse mote e, ao final, sugere que o gênero encontra-se em fase de consolidação.

Ao analisar esse artigo, como também vários dos apontados pela pesquisadora, observo que a amostra reflete uma significativa quantidade de outros trabalhos produzidos no país, nos quais pude constatar alguns pontos que pretendo relativizar:

- a) toda narrativa jornalística diversa aos modelos consagrados – a notícia – é rotulada de jornalismo literário;
- b) grande parcela dos artigos publicados a respeito do tema é fundamentada na experiência norte-americana, em especial no Novo Jornalismo, dos anos 1960.

Com relação ao primeiro ponto, em grande número de artigos que tratam do assunto, a justificativa para essa nomeação se dá por argumentos como profundidade, imersão, humanização do relato, uso de personagens, utilização de recursos da literatura. Ao mesmo passo, pretende-se, com a exploração de tais recursos, superar a efemeridade de um jornalismo raso e desconexo da realidade. Como decorrência, a fundamentação teórica de tais argumentos está – na grande maioria das vezes – sustentada no Novo Jornalismo norte-americano.

Pela bibliografia destacada em tais trabalhos, devo presumir que estes acataram a argumentação de alguns autores respeitados (e

consagrados) que construíram teorização e abordagens mais amplas, mas que, por uma “apreciação apressada”, estão sendo interpretados de forma equivocada. Em outros casos, também no campo das conjecturas, alguns autores – igualmente respeitados – acreditam, com a certeza positiva, que o jornalismo literário praticado aqui é exclusivamente a transplantação do *New Journalism* no país. Minha grande preocupação, portanto, é que tais “apreciações apressadas” se transformem de vez na falácia da “generalização apressada”, atribuição ao todo o que é típico de uma parte.

O equívoco não é novo. A revista *Realidade*, lançada em 1966, representa um marco no jornalismo brasileiro, pela inovação e por romper com os modelos preponderantes na época.

Nos anos 1950, órgãos de imprensa como o *Diário Carioca* e o *Jornal do Brasil* passaram por modernização em seu maquinário, o que lhes permitiu a oportunidade de implantar novos projetos gráficos. Também foi oportuna a reformulação de seus projetos editoriais, com a importação do modelo norte-americano – noticiário mais amplo, frases curtas, padronização de linguagem e estilos, entre outros. Foi inaugurada ali a fase dos manuais de redação e a criação da figura do copidesque – profissional encarregado de reescrever os textos de maneira a uniformizar o material jornalístico.

Realidade, com periodicidade mensal, surge como uma revista de reportagens. Elimina o cargo de copidesque e, por isso, cada uma das reportagens mantinham a “cara” do seu autor. Em plena ditadura militar, sua revolução envolvia a abordagem de temas tidos como tabus para a época, como as questões de gênero, o aborto, as minorias, as condi-

ções de trabalho, entre tantos outros relevantes. Se havia estímulo à voz autoral de seus repórteres, por consequência, havia a liberdade estilística. Seus jornalistas produziam longas reportagens, com riqueza de detalhes e experimentavam textos que exploravam os recursos da literatura, como as reportagens-conto de João Antonio.

Dois autores que estudaram em profundidade a revista *Realidade* foram José Salvador Faro (1999) e Edvaldo Pereira Lima (2008). Ambos são cuidadosos ao abordar o assunto, e conjecturam a possível ligação de *Realidade* ao Novo Jornalismo. No entanto, não é difícil encontrar *papers* que afirmam categoricamente esta associação.

Em sua dissertação de mestrado, a pesquisadora Vaniucha de Moraes<sup>1</sup> apresentou entrevista com cinco jornalistas da equipe inicial da revista (1966-1968): Mylton Severiano, José Hamilton Ribeiro, José Carlos Maranhão, Lana Nowikov e Carlos Azevedo. Todos foram unânimes ao afirmar que não foram influenciados pelo *new journalism*. Severiano foi enfático: “Não conhecíamos o Novo Jornalismo. Fomos conhecer Norman Mayler e Gay Talese nos anos 70, quando já estávamos na imprensa alternativa”<sup>2</sup>.

Dos anos 1960 ao início do século 21, a menção do jornalismo literário persiste. Ao ser lançada, em 2006, a revista *Piauí* colocou-se como uma revista de reportagens “para quem gosta de ler”, como frisou um de seus criadores, João Moreira Sales. Textos

<sup>1</sup>Vaniucha de Moraes defendeu a dissertação “Realidade (re)vista: O papel do intelectual na concepção de um projeto revolucionário” no Programa de Mestrado em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em dezembro de 2010.

<sup>2</sup>Trecho da entrevista concedida por Mylton Severiano, em dezembro de 2009, a Vaniucha de Moraes.

denso, abordagem com profundidade, liberdade estilística, temas não necessariamente factuais, entre outras características, são suficientes para ser classificada como “jornalismo literário”.

No congresso da Intercom realizado em Santos (SP), Vitor Necchi (2007), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), promoveu uma discussão interessante com seu trabalho *A (im)pertinência da denominação jornalismo literário*. Após refletir sobre o fenômeno com ênfase nos primeiros anos do século 21, questiona a eficácia da denominação, com base em depoimento de jornalistas que supostamente fazem jornalismo literário na atualidade. Entre seus entrevistados, estavam Eliane Brum (revista *Época*) e o próprio João Moreira Sales, que relativizam o uso do termo. Por isso, ao final, o autor sugere – como já no título do trabalho – a impertinência da expressão jornalismo literário.

### 3 Desprezo aos brasileiros

Apesar de discordar com as argumentações que embasam os vários casos citados aqui, respeito tais pontos de vista, porque considero que são esforços válidos na busca de diversificação ao que chamei de “jornalismo além da fórmula”. O que mais incomoda, no entanto, é o desprezo e o desrespeito às experiências brasileiras. Nas linhas a seguir, vou discorrer sobre algumas contribuições de dois brasileiros que deixaram um legado rico e que, deliberadamente ou não, no meu entender, suas práticas estão incorporadas na cultura profissional da “tribo brasileira”.

Para qualquer brasileiro, Raul Pompéia (1863-1895) é o autor de *O Ateneu*. E só. Só até que o intenso trabalho de Afrânio Couti-

nho fosse publicado, a partir de 1981, numa coleção de dez volumes. Com o lançamento de *Obras de Raul Pompéia*, editada pela Civilização Brasileira, Coutinho transformou o escritor de um livro num escritor de uma obra. Reuniu suas crônicas publicadas em vários jornais do sudeste brasileiro, especialmente entre 1880 e 1894, como o *Jornal do Comércio*, *Revista Ilustrada*, *Diário de Minas* e *O Estado de S.Paulo*.

A pesquisadora Márcia Barbosa Vianna (2008), por sua vez, descobriu Afrânio Coutinho e desenvolveu uma tese vigorosa sobre a obra de Pompéia. Com isso, identificou o escritor também como historiador e, especialmente, como jornalista.

Contemporâneo de Machado e Bilac, Pompéia descreveu as cenas brasileiras com a primazia do escritor e o espírito do jornalista. Foi inovador ao romper com o Parnasianismo, a corrente literária vigente, estabelecendo uma poética alternativa a seus trabalhos; exerceu a crítica às questões sociais, como experimentou o impressionismo e permeou suas crônicas com a militância política. Em “Carnaval do Recife”, por exemplo, descreve a aglomeração dos foliões com a chegada dos blocos à praça, com suas fantasias coloridas e os rostos pintados – de branco e de preto. A rigor, Pompéia discute a miscigenação racial e os preconceitos. Em “O céu e o inferno”, monta um cenário com chamas e caldeiras, Lúcifer e Belzebu – o inferno –, para dissimular os bastidores da política nacional.

Inegavelmente, Raul Pompéia, com sua sutileza ou arrebatamento, contribuiu com o estabelecimento do que conhecemos como um gênero jornalístico genuinamente brasileiro: a crônica.

Se Pompéia foi o escritor com vocação

jornalística para fazer a leitura de mundo por suas crônicas, João Paulo Barreto, ou simplesmente João do Rio (1881-1921), rompeu com a imprensa constituída no século XIX para inaugurar uma nova fase: a reportagem. João do Rio instituiu a figura do repórter, que vai à rua para vivê-la, senti-la, com a mente e o coração abertos para captar, no cotidiano, a informação, a matéria-prima para a expressão do Rio de Janeiro do início do século XX.

Em *A alma encantada das ruas* (Barreto, 2008), onde estão reunidas várias de suas crônicas, João do Rio passeia pelos mercados de livros, encontra os músicos ambulantes ou os trabalhadores da estiva, passando pelos velhos cocheiros e as pelas mariposas de luxo. Crônicas. João do Rio transforma suas crônicas em reportagens, porque foi às ruas para buscá-las.

Raul Pompéia e João do Rio, cada um em seu tempo e a sua maneira, souberam contar histórias do cotidiano, com leveza, poesia, crítica e ousadia, ao mesmo tempo. Suas vidas e seus trabalhos são contribuições que, deliberadas ou não, estão incorporadas à cultura profissional desta tribo de jornalistas brasileiros.

## Considerações finais

Após esta exposição, ousou apontar algumas inferências sobre alguns aspectos aqui discutidos:

- Ao defender um jornalismo “além da fórmula”, absolutamente não descarto toda a experiência acumulada pela comunidade jornalística em pautar, apurar, investigar, checar, entrevistar, redigir e editar. Para a consecução do nosso

fazer jornalístico, não podemos prescindir do método cartesiano.

- Nem todo texto jornalístico que supere as formas consagradas deve ser rotulado, necessariamente, como jornalismo literário. Reportagem, simplesmente, pode ser a expressão segura e prudente para caracterizar um jornalismo bem feito.
- Tampouco o jornalismo literário praticado em nosso país, como por Fernando Morais ou Zuenir Ventura, tem seu embasamento no *New Journalism*. Tenho convicção de que aprendemos muito com Tom Wolfe ou Gay Talese, mas estes não podem ser as únicas referências para a compreensão de narrativas diferenciadas.
- Para a compreensão e o aperfeiçoamento de um jornalismo que supere as críticas da imprensa atual – relatos apressados e superficiais, desconexos da realidade, falta de profundidade –, não podemos negligenciar a tradição brasileira. Vale persistir no aprofundamento dos estudos em torno dos jornalistas que deixaram valiosas contribuições à cultura profissional da tribo brasileira.

## Referências

- Barreto, J.P.(2008). *A alma encantada das ruas*. 2. ed. São Paulo: Martin Claret.
- Faro, J.S. (1999). *Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Porto Alegre: Ulbra.

- Lima, E.P. (2008). *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri/SP: Editora Manole.
- Martinez, M. (2008). “Jornalismo Literário: um gênero em expansão” in: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 31., Natal. *Anais eletrônicos...* São Paulo: Intercom.
- Medina, C. (2008). *Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus.
- \_\_\_\_\_. (1995). “Novas estratégias de comunicação” in: Medina, C. & Greco, M. (Orgs). *Sobre vivências no mundo do trabalho: novo pacto da Ciência*, vol. 4. São Paulo: ECA/USP, CNPq, p. 177-180.
- Moraes, V. (2010). *Realidade (re)vista: O papel do intelectual na concepção de um projeto revolucionário*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Programa de Mestrado em Jornalismo – Universidade Federal de Santa Catarina.
- Necchi, V. (2007). “A (im)pertinência da denominação jornalismo literário” in: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 30. Santos. *Anais eletrônicos*. São Paulo: Intercom. Disponível em Intercom. Acesso em 15 maio 2010.
- Traquina, N. (2005a). *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. v. 1. 2. ed. Florianópolis: Insular.
- \_\_\_\_\_. (2005b). *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. v. 2. Florianópolis: Insular.
- Vianna, M.A.B. (2008). *Crônicas de Raul Pompéia: um olhar sobre o jornalismo literário do século XIX*. 211 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.